



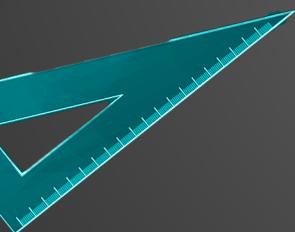
Atena
Editora
Ano 2020

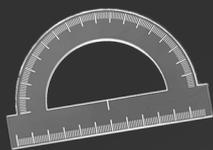


AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS
CLEIA SILVA PINTO COSTA
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM
(ORGANIZADORES)





Atena
Editora

Ano 2020

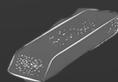
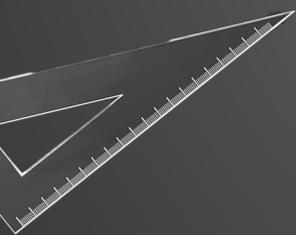


AS FACES DA EDUCAÇÃO:

DIALOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS
CLEIA SILVA PINTO COSTA
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM
(ORGANIZADORES)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

As faces da educação: diálogos na diversidade escolar

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Otainan da Silva Matos... [et al.].

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F138 As faces da educação [recurso eletrônico] : diálogos na diversidade escolar / Organizadores Otainan da Silva Matos... [et al.]. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.
205 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-346-0 (PDF)

ISBN 978-65-5706-345-3 (Brochura)

DOI 10.22533/at.ed.460200209

1. Educação. 2. Diversidade escolar. 3. Prática de ensino.
I. Matos, Otainan da Silva. II. Costa, José Antonio Moraes. III. Costa, Cleia Silva Pinto. IV. Souza, Andréia Vaz Cunha de. V. Cutrim, Rosylene Conceição Soares.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

PREFÁCIO

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

Sinto-me lisonjeado em poder registrar breves impressões sobre este livro. Ele foi concebido, a partir dos esforços dos mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), pertencente ao Centro de Ciências Sociais- (CCSo) da Universidade Federal do Maranhão – (UFMA), esforços esses semelhantes ao poema de Tecendo a Manhã. Idealizou-se esta obra com a tessitura de várias manhãs, dias, noites e madrugadas de muito estudos, aulas, leituras escritos e reescritos, para que se pudesse chegar ao título proposto pelos autores e coautores do mesmo “***As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar***”. Tendo como organizadores Otainan da Silva Matos, Celia Silva Pinto Costa, Andréa Vaz Cunha de Sousa, José Antonio Moraes Costa e Rosyene Conceição Soares Cutrim.

Trata-se de uma obra que reúne, em um conjunto de dezesseis capítulos, cuidadosamente, trabalhos elaborados pelos pós-graduandos sob o olhar dos seus respectivos orientadores do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica da Universidade Federal do Maranhão. Eles foram produzidos a partir das pesquisas oriundas de suas inquietações, que se transformaram em suas obras primas: a dissertação. Desvelam-se em seus escritos, as tendências atuais dos debates e das pesquisas acadêmicas no âmbito do mestrado profissional, desenvolvidas pelo PPGEEB¹, no campo da educação e as suas diversas faces: “*Filosofia para Crianças, Construção da identidade profissional e docente, relações étnico-raciais, tecnologias, Gênero, Formação inicial e continuada, Educação Inclusiva e Prática Pedagógica.*” Diante disso, se faz mister avultar que essas diversas faces dos escritos educacionais, composto neste livro em tela, nos levam para outros campos/aspectos da educação: a infância, a educação infantil, a

¹ Criado em 2015, o Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica é o segundo da UFMA e é o primeiro da área da educação no Maranhão. O Programa está composto atualmente por vinte e três docentes de diferentes áreas curriculares que compõem a Educação Básica. O Objetivo do Curso é formar profissionais para desenvolverem saberes, competências e habilidades específicas nas áreas do ensino da Educação Básica, levando em conta a incorporação e atualização permanentes dos avanços da ciência e das tecnologias educacionais. O profissional formado deverá ter como foco a gestão de ensino, a pesquisa, visando a proposição de inovações e aperfeiçoamentos dos conhecimentos e tecnologias educacionais para a solução de problemas do ensino na Educação Básica. Fonte: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1381 acesso em Maio de (2020).

leitura, a alfabetização, o ensino de línguas portuguesa e inglesa, a educação física, as deficiências visual e intelectual, a identidade de gênero e, por fim, a pesquisa nas suas diversas facetas, desenvolvidas pelos seus escritores.

Nesse contexto, importa destacar que os textos desta obra, instigam os leitores à reflexão, dispendo à sua leitura crítica, algumas possibilidades interpretativas sobre importantes questões pertinentes à educação básica.

Parabéns pela iniciativa em tornar públicos os estudos do PPGEEB com a produção deste livro!

Sucesso!

São Luís- MA, maio de 2020

José Carlos de Melo

REFERENCIA

MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira).

APRESENTAÇÃO

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

Paulo Freire

A construção de diversas análises sobre a educação é o que conduz o desenrolar dessa apresentação. Esse assunto que tanto permeia à sociedade, emerge da necessidade de mudanças significativas em nosso país. Diante desse cenário, a presente obra, **“As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar”**, corrobora estritamente para as mais diversas áreas da educação escolar como, Filosofia, Pedagogia, Geografia, Tecnologia, Educação Física, Artes, Identidade de Gênero, Biologia, Português, Inglês, Sociologia, todas essas, em seus sentidos mais simbólicos e integrantes.

Esta obra origina-se da colaboração de estudantes de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB), que tem como propósito, estudar as condutas dos formadores de opiniões, investigar os espaços escolares e suas mais variadas formas de ensinar e aprender, entre aluno e professor, coordenador e gestor e todas as relações que ajudam na construção da educação. Nesse sentido, os mestrandos e seus respectivos orientadores concordam com a elaboração deste trabalho, visto que ele servirá de arcabouço teórico para estudantes, docentes, gestores, coordenadores e para aqueles que se interessam por leituras e estudos vinculados às diversas faces da educação.

Com isso, a construção dos capítulos se deram da seguinte forma:

- **Filosofia para Crianças:** a concepção de infância e o sentido do adulto em miniatura – Ms. Otainan da Silva Matos; Ms. Kátia Regina dos Santos Castro e Dr. José Carlos de Melo.

- **A Constituição da Identidade Profissional de Alfabetizadores:** narrativas de docentes integrantes do grupo de estudo e pesquisa “O ensino de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental” – Ms. Cleia Silva Pinto Costa; Ms. Rosiara Costa Soares e Dr^a. Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Identidade Profissional Docente e o Ensino de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa** – Ms. Cláudia Cristina Cólins Pereira; Rakell Ainy Freitas Luz e Dr^a Marize Barros Rocha Aranha.

- **Relações Étnico-Raciais e Infância:** valorização das diferenças e prevenção de preconceitos na educação infantil – Ms. Lucileide Martins Borges Ferreira; Luanda Martins Campos e Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes.

- **A Formação da Identidade Docente na Perspectiva da Interculturalidade** – Ms. Luanda Martins Campos; Ms. Mírian Ferreira da Silva Borgea e Dr^a Viviane Moura da

Rocha.

- **Práticas Pedagógicas Interculturais:** relato de experiência na disciplina de Educação Física – Ms. Ludmilla Silva Gonçalves e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **O Ser e o estar Formador/a na Escola:** um dilema para o/a Coordenador/a Pedagógico/a – Ms. Alexandrina Colins Martins e Dr^a Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:** um relato de experiência na turma do 2º ano de uma escola da rede pública municipal de Paço do Lumiar- Maranhão - Ms. Andréia Vaz Cunha de Sousa; Ms. Érica Patrícia Marques de Araújo e Dr. Samuel Luis Velázquez Castellanos.

- **Ideologias das Brincadeiras x Brinquedos de Meninos x Meninas** – Ms. Rachel Bonfim da Silva e Dr^a Sirlene Mota Pinheiro.

- **Construção de Saberes no Mestrado Profissional e Formação Docente em Gêneros e Sexualidades** – Ms. Rosyene Conceição Soares Cutrim e Dr^a Sirlene Mota Pinheiro.

- **A Gangue como Sintoma de Falência do Modelo Capitalista** – Ms. Daulinda Santos Muniz e Dr^a Elisa Maria dos Anjos.

- **Do Sul ao Norte:** um diálogo sobre a formação inicial de professores de Geografia – Ms. Yuri Barros Lobo da Silva; Ms. Jucileide Melonio Pereira e Dr^a Maria José Albuquerque Santos.

- **A Educação Inclusiva e a Deficiência Intelectual:** desafios curriculares para a prática pedagógica – Ms. Gínia Kênia Machado Maia; Ms. Cleomar Lima Pereira e Dr^a Livia da Conceição Costa Zaqueu.

- **Os Corpos e a Escola:** a dança como lente – Ms. Érica Silva Pinto e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **Estado da Arte:** tecnologia móvel para auxiliar crianças com Transtorno do Espectro Autista – Ms. Máira Carla Moreira Aragão e Dr. João Batista Bottentuit Junior.

- **Tecnologia Assistiva para Estudantes com Deficiência Visual:** uma análise a respeito da produção científica – Ms. Aline Aparecida Nascimento Frazão e Dr^a Livia da Conceição Costa Zaqueu.

Quando me deparo com a literatura educacional, especificamente do Brasil, vejo um amplo desafio, no que concerne às formações e práticas dentro ambiente escolar. Vejo uma política que rejeita as escolas e finge que a educação está acontecendo. Vejo crianças sedentas por conhecimento, que fará a diferença na caminhada da vida e que muitas vezes, não adquire. Vejo docentes fingindo ensinar e alunos fingindo aprender. Vejo docentes superestimando o ensino tradicional porque lutam contra a inovação e as novas formas de aprender. É certo que isso existe. Contudo, também vejo políticas públicas positivas na luta pelo rendimento escolar. Vejo professores ofertando o melhor de si, para educar os seus alunos. Vejo o suor de docentes nas quadras de esporte.

Vejo os educadores de salas de recursos multifuncionais integrando os que precisam. Vejo laboratórios de informática atendendo a demanda escolar para informatizar os alunos. Vejo os gestores buscando formação continuada, a fim de aperfeiçoar às práticas educativas. Vejo docentes ofertando recursos financeiros, para que não falte material educacional. Vejo o esforço dos gestores para efetuar uma matrícula. São com esses por menores, que vejo a luta dos profissionais em prol de uma educação para o mundo.

Diante desse contexto, é importante salientar que a prática educativa percorre diversas formas, métodos e caminhos distintos. Assim sendo, ela somente acontece de forma eficiente, se percebermos que ela é plural e interdisciplinar. Portanto, prezado (a) leitor (a), você encontrará nesta obra, uma diversidade de contextos voltados para o ato de educar. Esta coletânea almeja apresentar as múltiplas faces da educação. Além disso, busca-se esclarecer as aproximações e distanciamentos de conceitos entre o ensino e a aprendizagem.

Nos capítulos que regem este livro, encontrarás abordagens que estimulam e ampliam seus conhecimentos acerca de filosofia para crianças, formação de professores, o corpo e seus movimentos, identidade de gênero, artes, ensino de geografia, tecnologia na educação, educação especial, alfabetização, identidade profissional, relação étnico-racial, práticas educacionais, sociologia e suas diversas configurações na instância escolar.

Boa leitura!

Otainan da Silva Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E O SENTIDO DO ADULTO EM MINIATURA	
Otainan da Silva Matos Kátia Regina Santos Casto José Carlos de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.4602002091	
CAPÍTULO 2	12
A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ALFABETIZADORES: NARRATIVAS DE DOCENTES INTEGRANTES DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA “O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL”	
Cleia Silva Pinto Costa Rosiara Costa Soares Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002092	
CAPÍTULO 3	25
A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LÍNGUA INGLESA	
Cláudia Cristina Cólins Pereira Rakell Ainy Freitas Luz Marize Barros Rocha Aranha	
DOI 10.22533/at.ed.4602002093	
CAPÍTULO 4	40
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A INFÂNCIA: VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS E PREVENÇÃO DE PRECONCEITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Lucileide Martins Borges Ferreira Luanda Martins Campos Antonio de Assis Cruz Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002094	
CAPÍTULO 5	51
A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE	
Luanda Martins Campos Mirian Ferreira da Silva Boguea Viviane Moura da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.4602002095	
CAPÍTULO 6	63
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Ludmilla Silva Gonçalves Raimundo Nonato Assunção Viana	
DOI 10.22533/at.ed.4602002096	
CAPÍTULO 7	73
O SER E O ESTAR FORMADOR/A NA ESCOLA: UM DILEMA PARA O/A COORDENADOR/A PEDAGÓGICO/A	
Alexandrina Colins Martins Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002097	

CAPÍTULO 8	85
A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA TURMA DO 2º ANO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PAÇO DO LUMIAR- MARANHÃO	
Andréia Vaz Cunha de Sousa Érica Patrícia Marques de Araújo Samuel Luis Velázquez Castellanos	
DOI 10.22533/at.ed.4602002098	
CAPÍTULO 9	97
IDEOLOGIAS DAS BRINCADEIRAS X BRINQUEDOS DE MENINOS X MENINAS	
Rachel Bonfim da Silva Sirlene Mota Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.4602002099	
CAPÍTULO 10	107
CONSTRUÇÃO DE SABERES NO MESTRADO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE EM GÊNEROS E SEXUALIDADES	
Rosylene Conceição Soares Cutrim Sirlene Mota Pinheiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46020020910	
CAPÍTULO 11	122
A GANGUE COMO SINTOMA DE FALÊNCIA DO MODELO CAPITALISTA	
Daulinda Santos Muniz Elisa Maria dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.46020020911	
CAPÍTULO 12	130
DO SUL AO NORTE: UM DIÁLOGO SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA	
Yuri Barros Lobo da Silva Jucileide Melonio Pereira Maria José Albuquerque Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46020020912	
CAPÍTULO 13	144
A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: DESAFIOS CURRICULARES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Ginia Kênia Machado Maia Cleomar Lima Pereira Lívia da Conceição Costa Zaqueu	
DOI 10.22533/at.ed.46020020913	
CAPÍTULO 14	155
OS CORPOS E A ESCOLA: A DANÇA COMO LENTE	
Raimundo Nonato Assunção Viana Érica da Silva Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.46020020914	
CAPÍTULO 15	163
ESTADO DA ARTE: TECNOLOGIA MÓVEL PARA AUXILIAR CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Maíra Carla Moreira Aragão	

João Batista Bottentuit Junior

DOI 10.22533/at.ed.46020020915

CAPÍTULO 16 169

TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA ANÁLISE A RESPEITO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Aline Aparecida Nascimento Frazão

Lívia da Conceição Costa Zaqueu

DOI 10.22533/at.ed.46020020916

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 190

A GANGUE COMO SINTOMA DE FALÊNCIA DO MODELO CAPITALISTA

Data de aceite: 05/07/2020

Daulinda Santos Muniz

Mestranda do PPGEEB, UFMA, LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0438338293512382>, ORCID: 0000-0002-1986-29. E-mail: daulindasmuniz@hotmail.com

Elisa Maria dos Anjos

Docente do PPGEEB, UFMA. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4070742029237223>, ORCID: 0000-0002-2293-4926. E-MAIL: elisadosanjos@gmail.com

RESUMO: O presente estudo envolve um tema que se tem constituído um grande desafio, pois envolve diversos segmentos, e de modo especial, os profissionais da área da educação, os pais e os próprios jovens. As notícias veiculam histórias de violência, onde retratam um cotidiano escolar atravessado por conflitos, muitos dos quais extrapolam o plano simbólico e resultam em agressividade, algumas organizadas e levadas a efeito por grupos de gangues juvenis. O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a gangue no ambiente escolar, procurando compreender as causas que levam a esse fenômeno e como

¹ Tomamos aqui o conceito de juventude que vai de 17 a 29 anos.

este interfere no ensino aprendizagem. A metodologia realizada foi um estudo de caso de cunho bibliográfico sobre a temática discutida. Espera-se que este artigo possa contribuir no sentido de levar a discussão sobre o fenômeno da gangue no cotidiano do ambiente escolar favorecendo uma postura e ação investigativo, visando compreender como os profissionais de educação se portam diante dessa questão.

PALAVRAS - CHAVE: Ambiente escolar. Desafio. Segmento.

INTRODUÇÃO

A escola é não somente um espaço de construção de sociabilidades mas também a instituição da sociedade com maior números de adolescentes e indivíduos jovens¹. É em seu interior esses indivíduos, então na condição de estudantes desenvolvem as suas primeiras experiências cidadinas da organização social e civil. Essa geração também convivem com uma sociedade em que as notícias chegam em tempo real. Esse fato estabelece uma grande diferença uma vez que em nossa sociedade hodierna, o compartilhamento das experiências de caráter coletivo é muito mais intenso do que as experiências anteriores à

emergência dos veículos de informação de massa e das redes sociais. Um dos sentimentos mais compartilhados coletivamente é a sensação de insegurança. Como nos aponta Adorno (1991, p. 77)

A insegurança perpassa os mais diferentes planos da existência coletiva. Está presente na expectativa, sempre possível da perda do emprego, na probabilidade do despejo ou na incapacidade de saldar dívidas contraídas na aquisição da casa própria, na iminência de ser vítima de uma queda, de um acidente de trabalho, de um atropelamento ou grave colisão de veículos, na viabilidade do desarranjo afetivo e da perda de entes queridos e - mais do que nunca - no medo de contrair o temível vírus da AIDS².

Essa passagem do texto de Sérgio Adorno encontra consonâncias com nosso tema em vários aspectos, inclusive com o medo atual que vivenciamos no processo de pandemia causadora do Covid 19. Como um microcosmo da sociedade, a escola também expressa na comunidade escolar - estudantes, professores, funcionários, responsáveis pelos alunos e comunidade do entorno onde a escola se localiza - os mesmos sentimentos vivenciados na sociedade que a constitui. Entre esses sentimentos talvez o de maior abrangência seja justamente o da insegurança. Assim, é nesse contexto que o surgimento das gangues, dentro do espaço escolar, geralmente são vistos como grupos de adolescentes que agredem pessoas, cometem crimes, adotando valores e rituais próprios, caracterizando a sua práxis através da contestação e o desrespeito às leis da sociedade.

Em uma pesquisa realizada na Unidade Integrada General Artur Carvalho no Município de São Luis no estado do Maranhão, a gangue foi definida, por um pouco mais da metade dos estudantes (50,5%) dessa escola, como jovens desocupados que picham, agredem, usam drogas, desrespeitam a lei, manifestando comportamentos inconsequentes. Segundo esses estudantes, em alguns casos, essas atitudes pode inclusive desencadear furtos³, roubos chegando até ao latrocínio ou mesmo assassinato. Os estudantes também informaram que veem as gangues como jovens que se juntam contra a paz, que querem fazer o mal (13,6%), ou ainda como uma turma de “vagabundos” sem religião que não respeitam ninguém, revoltados com a vida, sem ideal (9,5%), que não estudam nem trabalham (5%), ou ainda como jovens que querem ser notabilizados através da “pichação”, querem chamar a atenção, e precisam ser percebidos (7,3%).

Existem várias percepções teóricas acerca do processo de surgimento de gangues. Em nossa análise vamos discutir a partir de três posicionamentos que se imbricam no processo de reflexão acerca do surgimento de gangues no público juvenil. Uma primeira percepção aponta para a necessidade do consumo como identificador de status dentro de um determinado grupo (COHEN, 1995). A segunda condicionante, que entendemos complementar à primeira é a teoria da subcultura delinquente que defende a ideia de que os indivíduos busquem resolver e naturalizar a violência como mecanismo de resolução

2 AIDS é a sigla em inglês para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

3 O furto se caracteriza pelo afano de propriedade de outrem sem que o dono perceba o fato no momento em que é realizado. O roubo é o afano de propriedade com ou sem porte de arma mas em que a vítima se encontra impossibilitada de impedir e o latrocínio caracteriza o roubo seguido de morte.

de conflitos sociais (SANTOS, 2014). A terceira percepção que desejamos destacar é o de vulnerabilidade social na forma como foi proposta pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe - CEPAL (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002) que trabalha a partir do reconhecimento de um sujeito passivo que não é passivo mas cuja da existência é produzida a partir de estruturas sociais de reprodução de desigualdades.

Em nossa concepção todas as perspectivas estão presente nos relatos dos estudantes apontados acima. A necessidade de pertencimento, de fazer parte de um agregado social, na maioria das vezes leva o jovem a integrar movimentos e grupos com a intenção de se afirmar enquanto pessoa. Essa forma de se relacionar com o mundo, agregado a sua vulnerabilidade torna o adolescente mais poroso ao processo de recrutamento realizado pelas gangues. Muitos deles ingressando nesses agrupamentos em idade muito precoce entre 10 a 12 anos de idade, e ainda incapazes de perceber a função social da escola ou a mesma como uma estratégia de ascensão de classe social ou emancipação familiar.

Devido às condições estruturais que caracterizam a nossa sociedade, considerada como uma das mais desiguais do mundo, além dessas necessidades apontadas, muitos desses adolescentes experienciam em seus lares a falta de diálogo, a insatisfação com a família e a falta de reconhecimento e pertencimento ao universo escolar. Essa falta de identificação com a escola faz com que todo esse ideário que a legitima, enquanto instituição, perca significado em relação com a parceria que esses jovens desenvolvem no convívio grupal que a gangue tem a capacidade de oferecer. Alguns dos fatores destacados pelos estudantes para essa adesão às gangues são a falta de diálogo e compreensão no núcleo familiar de acordo com 22,5%; a falta de informação e de maturidade foi indicada por 29,5% e a falta de amor próprio, segundo 8,8%.

Quando mais nos aprofundarmos no universo das gangues juvenis, mais forte se torna a constatação de que esses jovens sobrevivem na tênue fronteira entre a marginalização e marginalidade. Para muitos deles, pertencer a uma gangue é uma estratégia de sobrevivência em uma existência desde muito cedo dicotomizada na guerra cotidiana entre a repressão policial e o banditismo. Uma constatação relevante é a compreensão e a consciência de o mundo lhes discrimina socialmente por conta da classe social a que pertencem e que muitos dos bens culturais não estão ao seu alcance. Assim, a identidade desta juventude é marcada pela escassez de recursos que potencializam os conflitos no processo de passagem da infância para adolescência com vistas à idade adulta.

“A puberdade é a idade do medo, da angústia diante das transformações do corpo e das escolhas para o futuro, exigindo a presença ativa de personagens capazes de amar e punir, de emprestar rumo às emoções juvenis através da oferta de modelos de identificação.” (PAIVA in Revista Nova Escola, 1993, p. 12).

Um aspecto destacado pelos professores acerca da presente temática aponta na direção da complexidade das relações familiares. Em uma realidade em que a maioria das famílias foge ao modelo padrão, em que muitas vezes os progenitores são submetidos a

jornadas de trabalho exaustivas com remuneração muito aquém das suas necessidades, o diálogo intrafamiliar não se constitui como um exercício cotidiano. Na escola os docentes percebem o reflexo desse processo diagnosticando que o convívio dos estudantes com os pais é distanciado. Um dos mecanismos que lhes sugere essa percepção é o fato de os responsáveis raramente aparecem na instituição mesmo quando são chamados. Uma outra percepção apontada pelos docentes é o fato de que a escola não possui autoridade legitimada e que o seu projeto não encontra formas de estimular a auto estima dos estudantes que em sua maioria não referenciam um projeto de vida. Por outro lado, nos grupos constroem-se códigos, símbolos, senhas e palavras que são criados pelas gangues para estabelecer uma identidade e comunicação, que num primeiro momento parece cifrada, mas cujo objetivo seja comunicar alguma coisa ao mundo. Um mundo que, na verdade, não passa dos limites da própria gangue, onde opera a lógica do autoritarismo, das regras rígidas, das tarefas arriscadas e em que dois valores básicos são perseguidos: a fama e a amizade. Nesta presente pesquisa levantamos que as gangues que operam nesse espaço são formadas por basicamente por 60 jovens, meninos e meninas, chefiado por um adulto. Os pais e professores, não relataram nada além do que é veiculado pela mídia, como o fato de as gangues também possuírem identificação e símbolos próprios.

A inspiração acerca dos nomes dados as gangues vêm da criatividade dos seus integrantes. Em nossa cidade, as gangues mais conhecidas pela imprensa e nas delegacias, são os da “Bota Preta”, “Mensageiros de Cristo”, “PR”, “Pichadores Rebeldes”, “Grafiteiros”. Por causa de seu caráter supostamente secreto e da cerrada perseguição policial, as gangues utilizam, inclusive, uma linguagem codificada para se comunicar e adotam expedientes como inverter as sílabas. Para dizer “Vou pichar hoje”, por exemplo, o pichador diria “Vou chapi jehó”. Também produzem neologismos para seu vocabulário. Um termos comum entre as gangues, para indicar um pichador iniciante é: Palha; - Dinossauro: indivíduo que é experiente, o antigo; Piche ibope: é o pichador que ganhou notoriedade, principalmente nos meios formais como jornais e tv; Muro eterno: é o ato de pichar na pedra, de onde não se apaga o piche; Atropelador: que identifica o indivíduo que faz o seu piche sobre o piche de outra pessoa. A questão da violência praticada pelas gangues, quando matam, roubam, depredam a escola e ameaçam os professores com revólver na sala de aula, também pode ser tido como busca do exercício de poder. Poder que é valorizado, mas que nesses casos, intimidam até, quem detém o poder legitimado do uso da força por parte do Estado. A escola têm muita dificuldade em discutir esse tipo de questão por que os professores e os diretores se sentem ameaçados. Apesar de comprometidos com seu trabalho e com a sociedade a realidade é que o professor não é um agente da lei, e sua formação portanto, não o prepara para esse tipo de enfrentamento - apesar de muitas vezes, ser exigido deles esse papel. Desse modo, por motivos variados desde negligência e incompetência, medo e impunidade até a absoluta falta de estrutura, a ocorrência de crimes, tem contribuído também para a consolidação do poder das gangues

e difusão de suas ações, que refletem violências estruturais, gerando, por sua vez, outras formas de violência.

Entre o dia 1 de janeiro a 28 de outubro de 1995, 19 crianças foram assassinadas e 18 se envolveram como autores de ato infracionais que resultaram na perda de vida de pessoas em espaços escolares. Crianças e Adolescentes estiveram envolvidas, neste período relatado em mais de 50 casos de violência, como autores ou vítimas, e observa-se que esses dados são apenas do município de São Luís. Caso o indivíduo que produza o ato infracional tenha completado os 18 anos, conseqüentemente já responderá a processo, sendo fichado, encaminhado ao Ministério Público, representado e sentenciado. Em relação aos adolescentes envolvidos como autores de ato infracional, o Estatuto prevê as medidas sócio educativas, cuja sentença é dada pelo Juiz e podem ser:

- I. Advertência;
- II. Obrigação de reparar o dano;
- III. Prestação de serviços, a comunidade; IV – Liberdade assistida;
- IV. Inserção em regime de semiliberdade;
- V. Internação em estabelecimento de ensino.

Na essência da sociedade capitalista o quadro que se mostra é que encontra-se um contingente de crianças em idade escolar sem acesso à escola e quando o fazem já se encontram a priori marginalizados dos benefícios prometidos aqueles que por ela passarem. Na sociedade, persiste ainda um entendimento calcado no senso comum que tentam explicar a existência de gangues como uma discrepância que se produz em uma sociedade por natureza harmoniosa. A gangue dentro do contexto da marginalidade é, visto como um fenômeno acidental que afeta individualmente a um número maior ou menor de seus membros o que, no entanto, constitui um desvio, uma distorção que não só pode como deve ser corrigida.

É a partir dessa perspectiva positivista que a educação emerge como um instrumento de correção dessas distorções. Nesse caso, seu papel se constituiria em uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social. Em consonância com o que vimos discutindo corroboramos a percepção que concebe a sociedade como sendo essencialmente marcada pela divisão entre grupos de diferentes classes que, muitas vezes se relacionam à base da força, que se manifesta fundamentalmente nas condições de produção da vida material. Nesse quadro, a gangue é entendida como um fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade. Isto porque o grupo ou classe que detém maior força se converte em dominante, se apropriando dos resultados da produção social, tendendo, em conseqüência, a relegar os demais à condução dessa onda.

Neste contexto, a educação é entendida como inteiramente dependente da estrutura social geradora dessa gangue, cumprindo aí a função de reforçar a dominação e legitimar

esse movimento. Nesse sentido, a educação, longe de ser um instrumento de superação da marginalidade, se converte num fator de marginalização, já que sua forma específica de reproduzir a marginalidade social é a produção da marginalidade cultural, e especificamente escolar. Então o primeiro grupo das teorias educacionais denomina-se teoria “não-críticas” já que encaram a educação como autônoma e busca compreendê-la a partir delas mesmas. Já o segundo grupo são críticas uma vez que se empenham em compreender a educação no seu determinismo social, isto é, na sua estrutura sócio econômica que condiciona a forma de manifestação do fenômeno educativo. Como entendem que a função básica da educação é a reprodução da sociedade será denominada de “teoria críticas reprodutivas”.

Por essas visões, as gangues juvenis podem ser vistas como sintoma de falência do modelo capitalista. Porém não basta identificar a questão, é necessário “destacar o nó górdio”, e é nesse ponto que a educação precisa superar-se e adotar o preconizado pelas teorias crítico-progressistas, que não se deixam abater nem pela utopia dos críticos, nem pelo fatalismo dos crítico-reprodutivos, e dessa forma irá encontrar uma “práxis” de superação, de modo a garantir chances a esses que se encontram como diz o poeta Antônio Pereira:

“Nós somos filhos da violência.

Não nos foi dado possibilidades.

Agora a loucura é nossa aparência.

São nossos carrascos o horror das cidades”.

(PEREIRA, 1992, p. 27).

CONTEXTO SOCIAL DE RISCO E O ADOLESCENTE MAIS VULNERÁVEL

Hoje, é visível a aceleração do índice de violência em nosso país. Esta proliferação da violência é estampada nas notícias transmitidas pelos meios de comunicação em massas que exercem um grande poder de influenciar com seus filmes, desenhos, novelas, propagandas, etc, a massa juvenil. Essa influência dos programas diários da televisão faz com que os jovens muitas vezes se identifiquem excessivamente com personagens de cinemas, com grupos de respeito e poder, sem exercitar o senso crítico sobre os valores que embasam esses comportamentos, resultando muitas vezes em atitudes que fogem às regras e padrões aprovados pela sociedade.

É justamente no processo transformacional da adolescência em que os jovens contestam e se rebelam contra os valores dos adultos, correspondendo a fase da descoberta de si mesmo e da formação de um plano de vida e construção da independência, que também caracteriza um período de maior vulnerabilidade às influências do contexto sócio

econômico e cultural, em que os papéis encontram-se indefinidos. Nesse contexto os grupos de amigos passam a exercer forte influência no comportamento do adolescente mas que essa influência não é plena. Vai ser mais ou menos abrangente dependendo do contexto no momento em que essa ação é exigida. Esse entendimento foi expresso na resposta dos alunos em que 33% deles indicaram que o grupo determinem seu modo de agir, 12% revelaram que buscam agir semelhante ao grupo mas, paradoxalmente, em outros momentos 33,3% dos alunos informam que o grupo não interfere em sua ação. Dessa forma os adolescentes rebelam-se aos valores dos adultos que não lhes oferecem chances da participação política e econômica possibilitando-lhes que na ânsia de participar, de ter poder, ser respeitado, alguns adolescentes se envolvam com atitudes marginais, como grupos de gangues, drogas, prostituição, roubos, pichações, e outras.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei Federal 8.069 de 13 de julho de 1990, passaram a existir novas regras que asseguram a proteção integral à criança e ao adolescente, que antes viviam sob a doutrina da “situação irregular”, que penalizava as vítimas, tratando-as como situações pessoais e não resultado de um contexto social excludente e contraditório. Assim o Estatuto prevê medidas de prevenção e proteção, ao mesmo tempo que também preconiza medidas sócio educativas para o adolescente envolvido com o mundo da violência, da criminalidade, da exploração, da discriminação e da crueldade. Infelizmente a realidade ainda não operacionalizou essa Lei que assegura direitos à criança e ao adolescente, e responsabiliza o Estado, a família e a sociedade pelas omissões e negligências. Essas normas do Estatuto estão amparadas na Constituição Brasileira diz que:

“É dever da família, da sociedade e do Estado garantir à criança e ao adolescente, com prioridade absoluta, o direito, à vida, saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e a comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e a pressão”. (Constituição Brasileira, Artº 227).

Porém uma Lei representa a expressão de um ideal que se deseja que ganhe concretude. Contudo, entre a idealização de um estatuto legal e a aplicação fiel do seu texto existe um lapso nem sempre fácil de atravessar. O ECA representa um desses casos em que a Lei é em parte desvinculada da realidade, uma vez que, apesar do texto acima, muitos meninos e meninas encontram-se perambulando pelas ruas, mendigando um prato de comida. Entre as alternativas que lhes são apresentadas, incluem-se contingências, onde as drogas, o roubo, e a prostituição, são opções de sobrevivência viável no contexto do capitalismo selvagem em que a sociedade brasileira está inserida. Diante desta realidade os governos se omitem e a sociedade civil se enclausura, considerando esses indicadores como variáveis mais determinantes do que suas possibilidades e competências para alterá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estatuto é uma lei pedagógica, que também oferece instrumentos para sua viabilização, tais como exemplificam alguns de seus artigos que referem que para o seu pleno desenvolvimento deva ser-lhes assegurado, entre outras coisas a igualdade de condições; Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. O mesmo estatuto também destaca que é dever do Estado entre outros aspectos o acesso aos cursos superiores à pesquisa, às criações artísticas ou seja todo o conhecimentos socialmente produzido revelando com essa proposta que o acesso à educação plena é um direito social que os nossos jovens possuem mas que em grande parte não usufruem. Toda essa variedade de artigos presentes no ECA tem como função orientar e assegurar proteção integral à criança e ao adolescente. A sua dimensão pedagógica nos convida a ir além do senso comum que naturaliza desigualdades, produzindo discursos sem compromissos e que minimizam a situação dessas crianças que na prática, são mais vítimas da violência estrutural do que produtores dela. É necessário que esta situação seja revertida, no reconhecimento de seus direitos como criança/adolescente, para só então sonharmos com adultos respeitadores e conscientizados na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. **A socialização incompleta**: os jovens delinquentes expulsos da escola. In: coletânea CBE. Campinas – São Paulo. Papyrus ed. 1992, p. 125 a 134.
- BARRETO, Vicente. **Exclusão e Violência**: Reflexões Preliminares in Coletânea CBE. Campinas – São Paulo. Papyrus ed. 1992, p. 105 a 112.
- BRASIL, República Federativa do. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Ed. il. Maranhão: SIOGE, 1992, 27 p.
- BRASIL, **Constituição Federal**. 1988.
- CARNOY, Martin. **Educação economia e Estado**: base e super-estrutura, relações e mediações. São Paulo: Cortez, 1990, 88 p.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho/ 2002 Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 143-176, julho/ 2002.
- COHEN, Albert R. *Delinquent boys: the culture of the gang*. London: Routledge&Kegan Paul, 1955.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. “Jorge de Lima e Murilo Mendes: harmonia e diferenças”. In *A leitora e seus personagens*. Rio de Janeiro: Graphia, 1992.
- REVISTA NOVA ESCOLA. São Paulo, v. 8, n. 66, maio, 1993,17p.
- SANTOS, Edmilson. **Teoria da subcultura delinquente**. Acesso em 28/04/20 <https://jus.com.br/artigos/33528/teoria-da-subcultura-delinquente>.

AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

